ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

O PALCO VIRTUAL
© 2003, Luiz Francisco Rebello

Capa e Direcção Gráfica
Armando Alves

Composição
Ana Ferreira

Impressão e Acabamentos
GRAFIASA, S.A.

1ª edição: Setembro de 2004
Depósito legal nº 192 909/03
ISBN 972-41-3336-2
Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE
Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1
Telef.: 22 6166030 • Fax: 22 6155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Horta dos Bacelos, Lote 1
Telef.: 21 9533800/09/90/99
Fax: 21 9568051
2695-390 SANTA IRIA DA AZÓIA
PORTUGAL

ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

Índice

9 **Prólogo**

Textos e autores

15 Uma leitura plural do *Frei Luís de Sousa*
25 Drama, comédia e farsa no Teatro de Camilo
40 Um parêntesis na obra de Jaime Cortesão
45 Uma clarabóia na obra de Aquilino
53 Encontros de Ferreira de Castro com o Teatro
57 Régio, a "presença" e o Teatro
61 Teoria e *praxis* do Teatro em José Régio
68 O Teatro na obra de Torga
74 Evocação de Alves Redol, Dramaturgo
76 Uma tragédia sobreposta (*O Indesejado*, de Jorge de Sena)
80 O "veio estrutural" de Carlos Wallenstein
84 David, Autor dramático
88 Jogos de Tempos
91 Saramago: Teatro, Tempo e História
100 Alegoria, Mistério, Melodrama e Tragicomédia: o Teatro de Mário Cláudio
104 Tempo de novela e tempo de teatro na obra de Urbano Tavares Rodrigues
107 40 + 4, Soma e Segue
110 Uma história que parece de cordel (mas não é)
112 O Jogo do Teatro e da Vida

Tempos, lugares e modos da representação

117 A tragédia em Portugal antes do *Frei Luís de Sousa*
132 Da Arcádia ao advento do Romantismo
137 Do Romantismo ao Simbolismo
145 Vestígios do Expressionismo na Dramaturgia Portuguesa
154 Surrealismo (ou não) no Teatro Português
160 Para a História do Estúdio de Salitre

170 Panorama de (mais ou menos) um Século
170 I – 1900-1940
182 II – Os Anos 40
206 III – Os Anos 50
217 IV – 20 Anos de Dramaturgia Portuguesa (1974-1994)
221 Sobre espaços teatrais

Evocações Breves

227 Na morte de Eduardo Scarlatti
229 Da modelar infidelidade aos modelos
232 Quatro actores: Alves da Cunha, António Silva, Erico Braga, Mário Viegas

Final Jocoso

249 Um Congresso que dançava

O TEATRO NA OBRA DE TORGA*

1 – Não é fácil dizer de Miguel Torga, da sua vida e da sua obra, tão exemplares uma como a outra, e tão interpenetradas que não se pode separá-las, algo que não tenha sido dito já. O poeta dos *Poemas Ibéricos*, o contista dos *Bichos,* o memorialista dos dezasseis volumes do *Diário*, o ficcionista autobiográfico da *Criação do Mundo*, ocupam, na história das nossas letras, por irrecusável direito próprio, um lugar privilegiado e inconfundível. Cidadão do mundo que nunca traiu as suas raízes natais, antes sempre as assumiu, por vezes até raivosamente, Torga foi ao mesmo tempo o mais solitário dos criadores e o mais solidário dos homens. Aí reside a sua grandeza.

Como poucos, soube "dizer não na hora de todas as subserviências, ser verdadeiro na hora de todas as mentiras", sem nunca regatear o preço que tudo isso custa – e que pagou, em paz com a sua consciência altiva e independente. Nos seus actos como nos seus escritos, pode encontrar-se a confirmação do conhecido aforismo de Montaigne (que ele tanto admirava): "Cada homem transporta consigo a forma inteira da humana condição". No caso de Torga, deverá acrescentar-se: a condição de ser português.

Não privei muito com ele. Não por causa do seu tão (exageradamente) proclamado feitio agreste, com que os mal-intencionados confundiam a sua personalidade forte ("sou um homem de granito", "este Marão que eu sou"...), mas porque as circunstâncias das nossas vidas a isso não foram propícias. Conheci-o em Coimbra, pelos finais dos anos 40, creio que apresentado por Paulo Quintela; muitos anos depois, em 1969, tive a honra de integrar o júri que lhe atribuiu o Prémio Literário "Diário de Notícias" – o primeiro que aceitou, exactamente no mesmo ano em que recusaria, nobremente, o Prémio Nacional de Literatura do SNI. Na altura, ofereceu-me, autografado, um exemplar do 10.º volume do *Diário*, que acabara de sair – dádiva preciosa, notoriamente avesso que era a fazê-lo... E em 1974, quando, restituída ao país a liberdade, lhe solicitei autorização para incluir um poema seu no espectáculo *Liberdade, Liberdade*, que subiu à cena no Teatro Villaret e de que fui um dos autores, prontamente me escreveu a concedê-la, em termos de uma generosa solidariedade.

Mas que poderei eu acrescentar a tanto que se tem escrito sobre Miguel Torga?

(*) Texto incluído em *Para Miguel Torga,* Câmara Municipal de Sintra, 2001.

2 – Recuo no tempo. Aí por 1945 ou 46, um grupo de teatro universitário levou à cena, salvo erro no velho Ginásio, juntamente com o *Doido e a Morte*, essa genial farsa de Raul Brandão que vale por si só toda uma literatura dramática, o *Mar,* uma das duas peças que Torga havia dado à estampa em 1941. (A outra, *Terra Firme,* só viria a estrear-se em Coimbra, pelo TEUC de Paulo Quintela, em 1948.) Escrevi então um artigo crítico sobre o espectáculo, que mais tarde desenvolvi por forma a abranger as duas peças e publiquei num volume que a Ática incluiu na sua colecção "Ensaio"[1], acrescentando-lhe um *post-scriptum* alusivo às duas outras criações dramáticas de Torga, entretanto publicadas, *Sinfonia* (1947) e *O Paraíso* (1949). Mais de meio século decorrido – sem que entretanto Torga voltasse a abeirar-se do teatro – releio esse texto e, não obstante algumas apreciações ingénuas, alguns juízos excessivos, não o enjeito. Tanto assim que, em parte, irei aproveitá-lo aqui.

"A sua produção teatral não passa de um parágrafo secundário da sua obra literária", escreveu Luciana Stegagno Picchio[2], que nela detectou, manifestado através de um "diálogo enxuto e autêntico", "um temperamento dramático e uma capacidade de despersonalização pouco comuns entre escritores portugueses". Também Jorge de Sena havia entendido que o teatro não ocupava "uma posição preponderante e indispensavelmente significativa" no conjunto da obra torguiana, a que nada acrescentava "em elucidação ou enriquecimento"; mas não deixava de reconhecer, nas duas peças, "a sua capacidade para transpor para a cena qualidades que são dos seus versos e da sua prosa: uma linguagem viva e popular no melhor sentido da naturalidade expressiva, uma capacidade para animar ou sugerir figuras exemplares, um sentido, que tudo difunde, da poesia como projecção de uma personalidade vincada, e uma humanidade muito peculiar, feita de cultura e de instintiva rebelião campesina"[3]. Este reconhecimento, por parte de duas grandes personalidades da crítica literária e dramatúrgica, justificaria que ao estudo do teatro de Torga houvesse sido dada uma maior atenção do que aquela que até aqui tem obtido, e que certamente se deve ao lugar "secundário", que ambos também reconhecem, por ele ocupado no contexto de uma obra tão vasta e significativa.

Mas "secundário" não quer dizer despiciendo, e o espólio dramático de Torga, breve embora, até pelo esquematismo das acções postas em cena

(1) *Imagens do Teatro Contemporâneo*, 1961, pp. 31-44.

(2) *História do Teatro Português*, 1969, p. 327.

(3) Nota crítica sobre a 2ª edição (de 1958, refundida) de *Mar*, publicada originariamente na "Gazeta Musical e de Todas as Artes", em Julho desse ano, e depois reproduzida nos volumes *Régio, Casais, a 'Presença' e Outros Afins*, 1977, pp. 215-219, e *Do Teatro em Portugal*,1988, pp. 265-268.